



# ADÃO E EVA, DE TANIA FAILLACE, E A REVISÃO DO PATRIARCADO

---

ADÃO E EVA, BY TANIA FAILLACE,  
AND THE REVIEW OF PATRIARCHY

Leonardo Lopes Santos<sup>1</sup>  
*Universidade Federal da Grande Dourados*

Alexandra Santos Pinheiro<sup>2</sup>  
*Universidade Federal da Grande Dourados*

**Resumo:** O presente artigo busca explorar as relações do estabelecimento conceitual do patriarcado e as relações do feminismo e do feminino na obra da escritora Tania Jamardo Faillace, mais especificamente na novela *Adão e Eva*. No processo de análise, elencamos paralelos entre a tradição cultural e religiosa, seus contrastes e convergências com o texto faillaciano e a antropogonia judaico-cristã. O mote deste trabalho é a amostragem dessas ideias abordadas pela autora em seu segundo livro, bem como propiciar uma abertura para a compreensão de conceitos comuns ao pensamento crítico do patriarcado, ainda oblíquo na sociedade contemporânea.

Palavras-Chave: Tania Jamardo Faillace; Patriarcado; Literatura e relações de gênero.

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: leonardolopes2201@gmail.com.

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: alexandrasanpinheiro@gmail.com.

---

**Abstract:** *This article seeks to explore the relations of the conceptual establishment of patriarchy and the relations of feminism and the feminine in the work of the writer Tania Jamardo Faillace, more specifically in the novel Adam and Eve. In the process of analysis, we link parallels between the cultural and religious tradition, its contrasts and convergences with the faillaciano text and judeo-Christian anthropogony. The motto of this work is the sampling of these ideas addressed by the author in her second book, as well as providing an openness to the understanding of concepts common to the critical thinking of patriarchy, still oblique in contemporary society.*

Keywords: *Tania Jamardo Faillace; Patriarchy; Literature and gender relations.*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o período antigo, nos primórdios da sociedade ocidental, percebemos, por meio das primeiras representações artísticas, literárias e tradicionais elaboradas, que as relações humanas se dão em padrões sectarizantes. Todo contato implica a compreensão, mesmo que subjetivada, de conceitos de dominação, de inferioridade e de superioridade. A história se constrói, ou melhor, foi construída, de modo a privilegiar a atuação masculina em detrção da feminina, fazendo do primeiro não só protagonista, mas também ditador de normas.

No ocidente, a estruturação de dogmas sociais tem um núcleo basilar gerador de significação: a tradição religiosa. A construção desses dogmas se ergueu sob essas bases de crença, nas quais a civilização ocidental desenvolveu todo seu aparato de diferenciação social. Sendo assim, compreender a relação dessas ordens de sentido com o surgimento do patriarcado torna-se indispensável para remodelar os sistemas de projeção de referências comportamentais na contemporaneidade. Repensar a narrativa bíblica toma, portanto, um caráter muito mais social que reorganizador da fé, e no caso de trabalhar literariamente as margens sociais da comparação de textos que brotam de cenários tão distintos, como é o caso do *Gênesis* e *Adão e Eva*, assume um teor revisionista essencial ao contexto atual.

---

Nascida no ano de 1939, em Porto Alegre-RS, Tania Jamardo Faillace, além de um passado de artista plástica e de jornalista, consagrada pelo empenho e compromisso com causas sociais, também se destaca há muito no cenário literário sulista, despontando na primeira metade da década de sessenta como escritora de novelas e contos de reconhecida qualidade literária. Tania transita entre os gêneros literários e produz uma obra que se constitui de novelas, como *Fuga e Adão e Eva*; Contos, como as coletâneas *Vinde a mim os pequeninos*, *O 35º ano de Inês e Tradição, família e outras estórias*; Romances como *Mário/Vera*, *Brasil 1962/1964* e seu último e mais laborioso trabalho, que lhe custaria o isolamento e o esquecimento. Já considerado um dos mais longos romances da literatura brasileira, *Beco da Velha* tem 19 volumes que narram o Brasil da década de 70, suas agruras e convulsões sociais.

Sobre o ostracismo em que caiu a obra de Tania Faillace em meados da década de 1980, Gabrielle Toson de Oliveira (2018), autora de *O lugar e a voz de Tania Jamardo Faillace na literatura sul-riograndense*, destaca a pressão que o sistema patriarcal exerceu sobre o panorama artístico do país, e, por meio de falas de importantes membros da tradição literária gaúcha, relata o gradual afastamento ao qual a escritora foi vagarosamente sendo submetida, de modo que o já citado isolamento é fruto não só da vontade da autora mas também do êxito de um projeto de silenciamento de vozes femininas.

Autodeclarada “anarco-marxista” e também uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores, Tania Faillace esteve dividida entre a vida literária e seu jornalismo denunciativo. Desde muito cedo, em sua carreira, demonstrou interesse em temas importantes, como, por exemplo, a reforma agrária, que no início da década de 1960 era uma das pautas maiores do debate político. Foi também figura ativa no cenário cultural durante a ditadura que se seguiu ao golpe militar de 1964, e sobre isso expressa uma opinião contundente em entrevista cedida em 2018:

---

[...] aí me tornei uma defensora e uma apaixonada pela reforma agrária. Isso foi entre 61, que comecei a trabalhar, e aí aconteceu 64. E aí, em 64, aquelas ideias que se tinha do desenvolvimento econômico, social e político do Brasil foi tudo pras cucuias. (FAILLACE, *apud.* OLIVEIRA, 2018, p. 62)

Dedicou muito de seu tempo de escrita à exposição de contrastes desumanizantes: a economia segregadora, a saúde para poucos, o saneamento básico seletivo na metrópole sul-riograndense, a precariedade da educação, ao domínio do patriarcado e a subliminar amostragem da realidade feminina. Em toda a sua obra, é visível a preocupação e o engajamento em criticar o *status quo* em que estava inserida; sobretudo, a autora demonstra uma pertinente inquietação com o lugar da mulher na sociedade e as consequências de um ditame cego, que a humilha, a diminui e a isola no ambiente doméstico, delimitando as possibilidades de escolha das personagens e das não-personagens por ela desenhadas. Por fim, em seus escritos, está embutida uma missão literária, algo que, segundo suas palavras, procura “desmistificar o rótulo ‘feminista’” (FAILLACE, *apud.* OLIVEIRA, 2018, p. 71).

Se analisada conjuntamente, sua obra parece ser um único tomo de significados comuns, contudo, o valor crítico está na individualidade de cada uma de suas narrativas ficcionais. Enredos semelhantes e de fácil catalogação na história da representação literária, figuras simples, diálogos lógicos e um método descritivo solidificado e bem fundamentado nos padrões já consagrados deixam escorrer nas entrelinhas um descontentamento latente. Inês, Eva ou Vera, todas elas dividem lugar com Ema Bovary, Ana Karenina, Julieta e tantas outras mulheres trágicas, entregues aos seus desejos, movidas por seus instintos, e que depois de uma libertação, findam como que feridas pelas consequências de uma liberdade que cobra um alto preço pelas asas que oferece clandestinamente.

O que distingue as obras de Faillace dessas muitas citadas e de outras que podem ser associadas pela memória é o desvelamento aberto das hipocrisias do

---

grupo, dos padrões a que são submetidas as mulheres, as expectativas depositadas sobre elas e o caminho já traçado que todas devem seguir: a “servidão voluntária” (LA BOÉTIE, 1982). Em outras palavras, estariam condenadas à adaptação forçada a um estilo de vida que serve ao querer tradicional de um grupo dominante e que, no derradeiro ponto de apoio, tende a beneficiar apenas ao grupo dominante. Tania subscreve em falas simples o incômodo de ser mulher numa sociedade marcada pelo machismo, pelo estrito protagonismo masculino e por um androcentrismo que castra a mulher e lhe proíbe de sentir o que escapa aos seus ferrolhos, de sentir prazer ou mesmo ser individual.

A sociedade descrita por Faillace é segura numa ortodoxia que dita regras imutáveis e impossíveis de descumprimento. O roteiro é dado: pureza e virgindade sagrada, submissão ao homem paterno, entrega vigiada e autorizada a um homem esposo, filhos, trabalho doméstico e velhice reprodutora de estigmas. A mulher por ela criada, na maioria dos casos, é o elefante que cresce atado por uma corda fina e que, em filhote, é fraco para rompê-la, mas que ao crescer acostuma-se com a ideia da fraqueza. Assim, desconhecedor de suas potencialidades, se acomoda ao cativo e, de certo modo, até colabora com a dominação do meio sobre si: uma auto-imposição, como Fallaice deixa claro em um de seus exemplos, quando lembra da protagonista de um de seus principais contos, conforme recupera Oliveira: “Inês não ousa assumir seus desejos sexuais até os 35 anos, mas tampouco ‘vai dar pela vida’. Não estuda, não trabalha, vive ainda na saia da mãe. Não está reprimida pelo meio, mas por sua própria frouxidão e falta de iniciativa” (OLIVEIRA, 2018, p. 71). Em seus livros, a mulher que escapa a essa imposição é taxada pelo todo ao seu redor como a heresia do sistema, heterodóxa ao grupo em que está colocada e, portanto, digna de repreensão; reflexo do pensamento de uma autora que afirma categoricamente:

---

“Não tenho muita paciência com os dramas clássicos da mulher-costela-de-adão” (FALLAICE, *apud.* OLIVEIRA, 2018, p. 71).

Fallaice escreve sua obra num dos períodos mais conturbados da história recente do Brasil e esta literariedade é a denúncia de uma ditadura que perseguia os diletantes. Sua escrita, pela apresentação dos opostos no cotidiano, nos revela uma realidade hostil aos movimentos sociais pela liberdade: uma plúmbea realidade. Isto quando pensamos nos anos de chumbo que marcaram tão profundamente o período de suas primeiras incursões pela literatura. Na Faillace dos anos ditatoriais, temos um dos acertos de Ezra Pound (*ABC of reading*, 1970), ou seja, a autora é de fato uma antena da raça, que aponta o caminho ao prever em seus textos uma existência mais pacífica e justa aos oprimidos, em que a liberdade de expressão fosse a norma vigente e o silêncio não significasse uma imposição dos mais fortes aos mais fracos.

## 1 A NOVELA *ADÃO E EVA*: UMA RELEITURA DO MITO JUDAICO-CRISTÃO

Publicada no ano de 1965, *Adão e Eva*, segunda novela de Tania Faillace, é inspirada pelo mito de criação judaico-cristão. Com essa narrativa de base religiosa ela fundamenta sua mais sagaz exposição da conceituação das concepções do feminino em sua obra. De início, é importante destacar a grandeza do tema com o qual a autora está lidando. Faillace cria uma interface com o texto do Bereshit da Torah judaica (o que no cristianismo é o mesmo que o livro do *Gênesis*, primeira das cinco obras que compõem o pentateuco).

Tania Faillace, ao contrário do que se espera de uma escritora, não altera o enredo, não há nada de novo ou divergente da estrutura, do ambiente e da formatação da versão original do texto: ainda temos um casal primordial no Jardim do Éden, uma serpente e uma transgressão que resulta em castigo. O que Tania Faillace faz é apenas expandir o universo psicológico dado pela narrativa,

---

que no texto do *Gênesis*, nesse sentido, é muito árida. Nas entrelinhas do texto sagrado e da tradição textual religiosa dos apócrifos e deuterocanônicos, é desenvolvida uma trama existencial profunda e transparente, na qual a pureza da reflexão e ação das personagens é explorada como mote principal de todo o enredo.

Vale destacar o estabelecimento de uma relação nominativa que a tradição nos lega. Em muitas das línguas antigas do tronco Indo-europeu, os nomes “Adão” e “Eva” existem em variações mínimas, sempre inseridos em narrativas cosmo-antropogônicas como a figura dO Homem e dA Mulher, ambos criaturas primordiais, seres criados com um propósito específico, cuja noção da função permanece enraizada no subconsciente cultural que se expandiu por todo o Ocidente. As noções de função não escapam à autora, que se permite calar no momento em que o pouco da narrativa se expressa, e fala, constrói, elabora e idealiza nos vastos silêncios que o mito abre.

A tradição e a escritura registram pouco dessas personagens, mas reforçam seus papéis a todo instante: o homem como figura primeira, a mulher como secundária; o homem como o responsável, a mulher como responsabilidade; o homem como o enganado, a mulher como enganadora; e, sobretudo, após a queda e a expulsão do Jardim, temos o homem como aquele que padece o mal e a mulher como a causadora da dor, como o ser da iniquidade, a “esperta e insidiosa” (FAILLACE, 1965, p. 3). Essas representações influenciariam toda a história subsequente, migrando dentro do pensamento patriarcal que se estabelece nas sociedades antigas, e, infelizmente, ainda presente na contemporaneidade.

Poderíamos divagar unicamente acerca das influências do mito e da linguagem sobre os influxos da construção mitográfica na estruturação do pensamento e na formação de parâmetros de estabelecimento paradigmático na sociedade, mas isso será feito em conjunto com uma reflexão sobre o feminino e

---

o masculino, o feminismo e as idealizações elaboradas a partir de si, e, por fim, uma relação entre a religião, religiosidade e a perpetuação do estigma da inferioridade da mulher.

A figura de Eva representada no texto de Faillace é ampliada e aprofundada se compararmos com o relato bíblico, e isso é um dos aspectos daquilo que anteriormente foi comentado sobre a fala da autora dentro dos silêncios da narrativa de base. A Eva da novela é livre, libertária, questionadora, abissal e persistente. Eva é a alteridade do acomodado e estático Adão. A autora desenvolve uma protagonista cheia de nuances, e sua natureza está muito bem descrita, tanto nos fluxos de consciência de Adão, em seus diálogos, quanto no que é dito pelo narrador onisciente da obra. “Excitada e temerosa” (FAILLACE, 1965, p.2), essa é a primeira informação que temos sobre a Eva faillaciana, e a excelência sintética dessa descrição se prova exata quando observada sua permanência no decorrer da novela, essas são duas palavras definidoras do caráter criado para a fêmea humana primordial. Na narrativa do Gênesis, essa figura feminina é praticamente nula, é uma parte decadente do homem que a princípio reproduz seu modo de agir para posteriormente sucumbir às propostas da serpente, “a mais astuta de todas as alimárias” (GÊNESIS 3:1).

Adão, como já dito, é a alteridade exata da protagonista. Sua personalidade é muito mais respeitadora e estática, completamente cimentada nas normas aprendidas desde seu surgimento como criatura, até porque, segundo o personagem de Tania “Não se devia fazer tantas perguntas, tudo fora feito para o seu bem e comodidade, e era só” (FAILLACE, 1965, p. 2). O enredo mostra constantemente um Adão receoso com a proporção que os questionamentos libertários de Eva estão tomando, e é possível dizer do quão menos dependente dele ela está se tornando: “Ele a olhava, mudo, paralisado de surpresa, de temor, de admiração... Via-a tagarelar impunemente, inconsciente da força que abalara, da enormidade dita...” (FAILLACE, 1965, p. 6). Além disso,

---

Tania dá a sua Eva um querer próprio, muito aquém daquela ofídica influência (que na novela é muito sutil): “Eva tem a serpente em si!”:

Hoje, porém, não era riso que lhe agitava o estômago ao evocar sua imagem [de Adão], e sim um movimento esquisito como uma serpente que ondulasse dentro dela, serpente sem asas, que lhe fazia cócegas e inquietava sem saber por quê. (FAILLACE, 1965, p. 9)

Ter essa serpente em si pode simbolizar todo o esforço de demonização pelo qual a figura feminina passou durante os séculos e, de certo modo, ratifica a autonomia para o bem e para o mal a que estão propensos os seres humanos, o que novamente nos remete aos conceituais delicados da teologia judaico-cristã, como o do livre-arbítrio e o da moral, embates que a autora não teme travar em sua literatura:

Ela encolheu os ombros mas estava embaraçada:

— Já conhecia todo o resto... E... depois... era lindo — fez uma pausa e prosseguiu: — Vi a mim mesma — olhou para ele [Adão]: — Eu sei como sou: tu não sabes como és. (FAILLACE, 1965, p. 16)

O medo da independência feminina é latente na expressão e fala do personagem, que assim tende a conglomerar em si todos os padrões associados ao machismo e ao patriarcalismo. Ainda que não seja fácil, pela singeleza das definições do texto, acusá-lo ou sentenciá-lo por essas práticas. Tudo é disposto ante os olhos do leitor de forma tão natural (ou seríamos nós, leitores, que estaríamos por demais amaciados e acostumados às manifestações desse machismo semi-velado?) que é difícil distinguir cuidado, temor e preocupação de um simples “Aonde vai? De onde vem?” (FAILLACE, 1965, p. 4), da dominação tão bem orquestrada, não só pelo indivíduo masculino, mas principalmente pela ideia masculina de uma divindade, também masculina (ou masculinizada) que, na sua concepção, vigia a forma como as relações cisgênero e heteronormativas se dão, como bem se lê em “E se ela não era dele, estava viva,

---

e por ela, ele sabia que era visto” (FAILLACE, 1965, p. 6). A relação do homem Adão com o divino é tratada por Tania como bem rememoradora do antigo aforismo religioso: *Cave, cave, Deus videt!*

O patriarcado e a dominação masculina presentes no texto de Tania Faillace, como já dito, estão subentendidos num nível percebido apenas por olhos atentos, mas o grande ponto onde queremos chegar com a proposta desta leitura não é apenas desvelar essas tônicas sócio-literárias, mas demonstrar sua aplicação no mundo contemporâneo e como se desenvolve e pereniza a junção dos conceitos que constituem os fundamentos originários do estabelecimento daquilo que Pateman (1993) denomina “Contrato sexual”. Note-se que esse “contrato sexual” teorizado por Pateman é um desdobramento do que anteriormente foi e ainda será referenciado mais adiante, mas com o agravante de que, nesse estágio contratual, o poder do macho não se demonstra apenas na esfera privada, não apenas passando a posse da mulher de um pai para o genro. O contrato sexual ratificado em sociedade, e assinado pela formulação de uma leitura ideológica do texto religioso, expande esse domínio para além do lar: a dominação é absoluta também na vida pública, como nos é bem apresentado por Saffioti (2004). Para a autora, a dominação masculina se manifesta em todos os âmbitos e estruturas da vida em comum.

Convenções históricas elevaram, por meio de domínio político, o judaico-cristianismo à categoria de parâmetro moral. A religião e os textos religiosos foram usados para delimitar as margens da vida social e assim servem como esteio para diversos dos preconceitos que estamos há muito “habitados”. A religião, ou melhor, o mal uso da religião, que favorece as classes dominantes, findou por cristalizar no inconsciente coletivo certos padrões deploráveis de comportamento, visto que um texto — um signo aberto — é maleável ao objetivo de quem o detém. Mas julgar que esses referidos preceitos sócio-religiosos permaneceram e permanecem reclusos *in loco* é ilusão. Embora a religião tenha

---

sido o ponto de convergência inicial dessas ideias de sobreposição dos gêneros, ela foi abalada nos séculos científicos da era comum. Assim, foi necessário ao patriarcalismo migrar seus ideais de poder para outros meios sociais. Eles findaram por escapar à bolha religiosa e, posteriormente, tiveram seus reflexos marcados até mesmo nos mais inusitados recônditos do pensamento ocidental.

Assumidamente ateu, o filólogo e filósofo Friedrich Nietzsche lembrou que: “[...] o mito semítico do pecado original, em que a curiosidade, a ilusão mentirosa, a seduzibilidade, a cobiça, em suma, uma série de afecções particularmente femininas, são vistas como a origem do mal” (NIETZSCHE, 1872, p. 13). Sendo assim, a coleção de livros que compõem a Bíblia Sagrada foi deliberadamente usada para dar fundamento teórico-religioso e base de argumentação a algumas das maiores barbáries que perpassam e marcam a História, e influenciaram e continuam influenciando a constituição do pensamento formado contemporaneamente, dentro e fora de sua esfera de atuação.

“E o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (GÊNESIS 3:16). Os interessados na dominação de gênero (os homens) encontraram neste trecho, e em seus derivados, o ponto de intersecção de suas ideologias, e reproduziram por séculos a ideia de uma superioridade masculina, gerando um absolutismo tirânico no que se refere à capacidade de expressão e colocação do indivíduo na esfera pública. Como bem definiu a socióloga brasileira Heleieth Saffioti, a mulher branca foi segregada ao lar. Muitas foram proibidas de acessar, inclusive, a cultura letrada. Portanto, impedida de ter representatividade no campo político, teve sua vontade e seus desejos submetidos aos do marido, ao passo que a instituição “família” se tornou uma regra inescapável. O patriarcado como “contrato entre homens, cujo objeto são as mulheres” (SAFFIOTI, 2004, p. 55) logrou pleno êxito não pela concretude da ideologia, mas com dominação pela brutalidade da força. O papel da mulher foi bem desenhado pelos seus algozes e

---

o discurso de uma igualdade de direitos entre ambos os gêneros foi e é motivo de escárnio ao longo do tempo.

Neste contexto apresentado, qual não é o poder de enfrentamento contido numa obra que, em plenos idos de mil novecentos e sessenta, no período de implantação e concretização de um regime militar ditatorial, apoiado e insuflado por grupos sociais conservadores, dá voz e autonomia àquela que, segundo a crença geral, é a origem do mal? Sobretudo, os diálogos criados pela jovem autora são capazes, dentro de sua estrutura quase filosófica, de descortinar o embate, a guerra dos sexos, e desnuda a diferença latente e inaceitável entre as concepções dos papéis a que os gêneros estão fadados. *Adão e Eva* é um texto repleto de reflexões deste tipo. Eis uma delas:

Ela sacudiu a cabeça, seu lábio inferior avançou:

— Não quero ir lá.

— Por quê?

— Porque não.

Caiu o silêncio.

Ele a olhava, desapontado, inquieto, confuso. (FAILLACE, 1965, p. 15)

Percebe-se, desde já, que Faillace, no impulso de uma força criativa, valeu-se de uma coragem perigosa ao seu tempo para recriar um cenário onde a mulher estivesse à altura para responder ao homem primordial de igual para igual, um cenário onde o poder de voz não é qualitativo ou mensurável, mas uma mera defesa de si. Tania, em suas obras, também explora em larga medida o patriarcado reproduzido dentro da esfera feminina, o que suscita estranhamento, mas que encontra respaldo absoluto nas elaborações da teoria feminista, que coloca a mulher, muitas vezes, como uma mantenedora do dogma paterno, como bem explicitou Heleieth Saffioti em seu *Gênero, patriarcado, violência*:

A máquina funciona até mesmo acionada por mulheres. Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do

---

patriarca, disciplinando os filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo. (SAFFIOTI, 2004, p. 102)

Este tipo de colocação é bem visível nos contos faillacianos, mas também se mostra marcado no desfecho de *Adão e Eva*, no qual a protagonista finda presa a uma norma que deverá ser perpetuada não só pelo homem, mas que ela própria deve dar continuidade: a de submeter-se ao desejo e a vontade do homem. Sua submissão torna-se hereditária e embutida na consciência geracional, de modo que vemos os reflexos desse pensamento marcados até mesmo em autores muito distantes da lei e da narrativa mosaica, como os apóstolos nos textos fundadores do cristianismo primitivo:

As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa aos seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem nas igrejas. (I CORÍNTIOS 14:34-35)  
Semelhantermente, vós mulheres sede sujeitas aos vossos próprios maridos. (I PEDRO 3:1a)

Eva torna-se a principal vítima da tirania do falo a partir do momento que a aceita, como fica subentendido pelo decurso das coisas, a oferta da serpente. A partir do castigo de Eva, sempre que o texto a ela se refere, é como uma posse de Adão e como uma figura secundária, como em “Coabitou o homem com Eva, *sua mulher*” (Gn 4: 1a), “E deu o homem o nome de Eva *a sua mulher*” (Gn 3: 20a) e “Fez o Senhor Deus vestimentas de peles para Adão e *sua mulher*, e os vestiu.” (Gn 3: 21). Notemos, além disso, o recorrente uso do pronome possessivo, que reforça todo o discurso já apresentado.

Duvidar dos modelos e questionar os moldes sociais prestabelecidos sempre gerou embates acirrados (quando não a supressão de ideais divergentes da regra vigente) e ainda hoje a padronização da “inquestionável” e “inabalável superioridade” da figura masculina é muito bem aceita e defendida em vários

---

lugares, o que nos leva a pensar em quão forte é uma ideologia bem fundamentada. “Ouve! Tu não tens que examinar as coisas. Não podes! Não está certo! Tudo o que precisamos saber nos foi dito. Não se pode ir além” (FAILLACE, 1965, p. 18), é o que diria nosso ortodoxo Adão, tão cômodo em sua estatura de dominação.

A religião é, em seu cerne etimológico, uma religação com o divino, que, por sua vez, lança à mulher um discurso de "eterna" culpabilidade. O homem Adão foi expulso do Jardim pela desobediência da mulher Eva, responsável, portanto, pelo distanciamento do Homem com o divino. Há uma culpa histórica fundamentada na religião que pune a mulher pela queda humana, não apenas uma culpa sobre a figura antiga de uma Eva lendária, mas uma condenação que recai sobre todas as mulheres e que está entranhada no inconsciente coletivo.

A mulher, como entendemos modernamente, é um compilado de noções estereotipadas, uma junção de percepções que não dão conta de abarcar a complexidade humana que habita corpos singulares em sua constituição emocional, intelectual e afetiva. O conceito de gênero que usamos para determinar previamente os indivíduos nada mais é que a união histórica de símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, e principalmente subjetivação da identidade (Cf. SCOTT, 1995). A compreensão que temos do que é gênero, e mais especificamente do que é “mulher”, não passa de conglomerados de convenções favoráveis à idealização masculina. “Não se nasce mulher, torna-se” (BEAUVOIR, 2009, p. 33) e tudo o que se segue a esses preceitos de tornar-se mulher isola num espaço diminuto as expectativas quanto a esses indivíduos femininos, forçando sua adequação. Em complemento ao sentido da fala de Simone de Beauvoir, Pierre de Bourdieu esclarece como essas já ditas percepções, entendimentos e estereótipos do feminino na realidade, são

---

meras concepções e aplicações do ponto de vista masculino do que é a mulher e sua feminilidade, como bem sintetizou ao escrever que

estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina. (BOURDIEU, 1998, p. 15)

Nessas circunstâncias, a religião, como ambiente de predominante influência masculina, e a narrativa religiosa, fruto de um sistema patriarcal, podem, infelizmente, servir de suporte à perpetuação desses instrumentos de dominação. Desvencilhar Poder e Crença Religiosa talvez seja uma ferramenta válida para enfraquecer esses discursos e abrir ainda mais espaço para a discussão de temas que merecem a centralidade no debate social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desconstruir conceitos antiquados e muito bem enraizados é um processo moroso e que requer esforços amplos e profundos. Tania Jamardo Faillace, por meio de sua literatura, dá um impulso que destina seu leitor a essa reflexão, sendo uma peça fundamental na compreensão de como se dão as construções desses discursos hegemônicos na sociedade contemporânea por meio de narrativas ancestrais, encontrando poucas vozes à sua altura nesse campo da escrita ficcional brasileira. Valendo-se do lugar comum, ela explora os opostos com intuito de fortificar ideais progressistas e beneficiar o pensamento igualitário, constituindo sua obra como uma das mais críticas à manutenção da discriminação de gênero e a misoginia sexista, que insiste ainda em nossos dias em objetificar a mulher e seu corpo, privando-a de sua individualidade.

A obra literária de Tania Jamardo Faillace constitui, neste interim, um importante registro crítico do espírito de seu tempo, também dá conta de ser um

---

espelho das construções sociais que moldaram a consciência coletiva que nos gesta e na qual ainda estamos inseridos, ao passo que resgatar seu nome e sua arte literária é vital, como base representativa, para criar ao mesmo tempo uma memória histórico-ideológica e um ponto de partida para debates sobre o feminismo brasileiro e suas pedras de fundamento em nossa literatura, grupo ao qual Tania Faillace certamente pertence. A literatura de Tania Faillace, portanto, coloca em xeque as estruturas patriarcais que emolduram o comportamento social. A novela *Adão e Eva* representa um ponto de convergência entre diversos fatores históricos e conceitos chave na compreensão deste nosso presente, que não passa do futuro de um passado de conquistas pela força, lutas por poder e segregação de classes.

Eva, a figura central desta narrativa faillaciana, é por um lado a encarnação dos desejos e anseios de mulheres reprimidas e, por outro lado, um farol de liberdade que guia a um empoderamento são, humano, e consciente de suas potencialidades. Podemos afirmar que a importância desta obra aqui analisada não reside na perfeição textual ou em impecabilidades estruturais, mas sim na reconstrução de uma narrativa conhecida e de singular prestígio na história do Ocidente, as diversas linguagens do feminino distanciadas pelo tempo, promovendo um reencontro, a seu modo, de uma época com seus demônios, dos quais o maior é a figura da mulher, seu lugar social e os medos despertados pela visão de sua figura.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Suely; SAFFIOTI, Heleieth. *Violência de gênero: Poder e impotência*. Rio de Janeiro, RJ – Brasil: Revinter Ltda. 1995.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2012. Rio de Janeiro, RJ – Brasil: Editora Bertrand Brasil Ltda. 1998.

- 
- FAILLACE, Tania. *Adão e Eva*. Porto Alegre, RS – Brasil: Editora Globo S. A. 1965.
- LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo, SP – Brasil: Editora brasiliense, 1982.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou Helenismo e Pessimismo*. 2007 São Paulo, SP - Brasil: Editora Schwarcz S.A. 1872.
- OLIVEIRA, Gabrielle de. *O lugar e a voz de Tania Jamardo Faillace na literatura Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre, RS – Brasil, 2018.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução Marta Avancini. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. 2013 São Paulo, SP – Brasil: Editora Pensamento-Cultrix LTDA, 1970.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo, SP - Brasil: EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2004.
- SCOTT, Joan. O Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Vol. 20(2), julho/dezembro 1995.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 19 de março de 2021.

Aprovado em sistema duplo cego em: 17 de agosto de 2021.